

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA
UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS-BRASIL
UNAT-BRASIL
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANÁLISE TRANSACIONAL

ANÁLISE TRANSACIONAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL:
DIÁLOGOS POSSÍVEIS

MARCELLA MANSUR DE FIGUEIREDO

Uberlândia – MG

2013

MARCELLA MANSUR DE FIGUEIREDO

ANÁLISE TRANSACIONAL E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade JK de Tecnologia e à União Nacional de Analistas Transacionais-Brasil, como requisito parcial do curso de Pós-Graduação em Análise Transacional, para obtenção do título de Especialista em Análise Transacional.

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

Uberlândia – MG

2013

Análise Transacional e Orientação Profissional: diálogos possíveis

Marcella Mansur de Figueiredo

Faculdade JK de Tecnologia

UNAT – BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais

Resumo

A adolescência é um momento de transição da infância para a idade adulta, marcado por uma busca de identidade e autoafirmação, mas também é um período de mudanças corporais, psicológicas e sociais. É nessa fase da vida que os jovens se deparam pela primeira vez com a escolha profissional e procuram a Orientação Profissional, uma prática que busca auxiliá-los a conciliar seus desejos com a sua satisfação profissional, considerando o contexto socioeconômico, o mercado de trabalho e a história de vida de cada um. É possível e enriquece a prática de Orientação Profissional a utilização dos conceitos da Análise Transacional, sobretudo os Estados de Ego, Egograma, Contaminações, Diálogo Interno e *Script*.

Palavras-chave: Orientação Profissional. Análise Transacional. Escolhas. Adolescência.

Abstract

Adolescence is a transitioning moment from childhood into adulthood, marked by a search of identity and self-affirmation, but it is also a period of physical, psychological and social changes. It's during this stage of life that the young people have a first encounter with a professional choice and seek Vocational Guidance, a practice that tries to help them reconcile their wishes with their professional satisfaction, considering their socio-economic context, the labor market and each one's life story. It's possible and enriches Vocational Guidance practice using Transactional Analysis concepts, especially Ego States, Egogram, Contaminations, Internal Dialogue and *Script*.

Keywords: Vocational Guidance. Transactional Analysis. Choices. Adolescence.

Introdução

A adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, que se caracteriza por uma série de mudanças corporais, psicológicas e sociais. De acordo com o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, Lei 8.069, 1990), essa é uma fase que compreende a faixa etária entre doze e dezoito anos de idade, porém, em casos excepcionais dispostos na lei, o ECA pode ser aplicado a pessoas com até vinte e um anos de idade. A compreensão da adolescência como uma fase definida da vida, com características próprias como a concebemos hoje, é um fenômeno relativamente recente: tem origem nas sociedades modernas surgidas no final do século XIX, com o crescimento da urbanização e da industrialização impulsionado pela Revolução Industrial, e se consolida no século XX. Só

então a adolescência passou a ser “considerada como um período importante no processo de desenvolvimento do indivíduo e o controlo (sic) da família sobre os adolescentes foi-se prolongando até à idade do casamento” (FERREIRA; NELAS, p. 144).

Com a Revolução Industrial houve um aumento na produção, que foi possível por meio das máquinas. Mas para isso acontecer foi necessário treinar os sujeitos para operá-las, assim “foram abertas as escolas e a todos foi dilatado o prazo de preparação para assumir papéis que demandavam treino, conhecimento e aprendizagem” (CARVALHO, 1995, p. 49). Esse momento preliminar de inserção no mercado de trabalho evidenciou “entre a infância e a idade adulta, as características psicobiofísicas, complicadas pelas novas características socioculturais” (CARVALHO, 1995, p. 49). As questões culturais e profissionais atuais vêm estendendo a cada dia esse período de transição, havendo a necessidade de uma maior preparação para atingir os objetivos e o status profissional e financeiro almejados.

O momento de *adolescere*, além de ser um período de mudanças corporais psicológicas e sociais, é marcado por uma procura da identidade e da autoafirmação. Essa é uma fase em que os problemas relacionados à identidade aparecem mais fortes e evidentes. Segundo Carvalho (1995, p. 50), há a necessidade de descobrir quem se é, de particularização, mas a “identidade individual está assentada na identidade com o outro, a identidade social”.

Para Erikson (1976, p. 14), o adolescente vive uma “crise de identidade” normativa que constitui “um momento crucial, quando o desenvolvimento tem de optar por uma ou outra direção, escolher este ou aquele rumo, mobilizando recursos de crescimento, recuperação e nova diferenciação”, ou seja, é um período de questionamento de padrões, valores, ideais, e procura de novo sentido para as experiências vividas, para que a nova identidade possa ser desenvolvida. Nesse sentido, Bock et al. (2001), comentando Blascos (1997), lembra que considerar esse momento da vida como sendo de crises e turbulências pode apresentar riscos, porque aquele que não se rebela ou passa tranquilamente por essa etapa pode vir a ser considerado como patológico; por outro lado, é preciso estar atento ao que se passa com o adolescente, para não acontecer de algumas problemáticas mais graves não serem identificadas como algo a ser cuidado.

É nesse período de intensas mudanças que o adolescente precisa planejar a própria vida, pensar e decidir sobre a sua identidade ocupacional, uma vez que, por meio do estudo e do trabalho, poderá ascender aos papéis sociais adultos. Ao optar por uma profissão, o adolescente não só escolhe o que fazer, mas também quem ser. Essa afirmação é corroborada por Carvalho (1995, p. 55), ao destacar os fatores que influenciam a escolha profissional do adolescente:

As influências relevantes na vida do jovem (a identificação ou não com os pais, a firmeza da identidade sexual, a capacidade de avaliar as próprias condições, avaliar as alternativas socioeconômicas existentes, etc.) atuam na escolha da futura ocupação; ao mesmo tempo, esta escolha leva à consolidação da identidade pessoal.

É neste momento de refletir e decidir sobre a sua identidade ocupacional, que, geralmente, os jovens buscam o auxílio dos serviços de Orientação Profissional. É a contribuição desse serviço na escolha da profissão pelo adolescente que abordamos neste trabalho, tendo como referencial teórico a Análise Transacional.

Dessa forma, o presente artigo busca demonstrar como é possível a prática de Orientação Profissional (OP), à luz de alguns conceitos da Análise Transacional (AT). Esta é uma temática pouco estudada dentro da AT, o que pode ser notado pela falta de referência bibliográfica, embora tenha relevância para os psicólogos que atuam no atendimento, individual e/ou em grupo, de adolescentes e também de adultos, uma vez que pode contribuir para ampliar a sua compreensão do ser humano.

Orientação Profissional: um processo para a realização de escolhas

Em 1957 foi fundado o Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, e neste curso, no quinto ano, era oferecida a disciplina “Seleção e Orientação Profissional”. Ocorreu, no entanto, uma divisão da matéria em duas disciplinas, devido à distinção entre as áreas de Seleção Profissional e Orientação Profissional (SILVA, 2011). Desse modo, a primeira passou a ser compreendida a partir do ponto de vista da organização que ela está auxiliando e a segunda, “a partir da perspectiva do indivíduo que está tomando decisões sobre seu destino” (SUPER; BOHN JUNIOR, 1976, p.198).

Os termos Orientação Profissional e Orientação Vocacional são frequentemente utilizados como sinônimos na literatura da área, e alguns profissionais os utilizam em conjunto: Orientação Vocacional/Profissional. Mas, de acordo com Carvalho (1995), no idioma inglês o significado do termo *vocational* é emprego regular, ocupação, profissão; já a palavra *vocação* em português denota um chamamento interior. A autora esclarece que, devido às diferenças de significado, no Brasil alguns autores mencionavam o “termo *vocação* quando seus trabalhos se referiam aos aspectos iniciais da escolha” (CARVALHO, 1995, p. 45), e quando os estudos já estavam diretamente vinculados à profissão ou trabalho, faziam uso dos termos ocupacional e profissional. Neste artigo, os termos “profissional” e

“vocacional” são utilizados sem discriminação, por entendermos, assim como a autora, que ambos os termos se referem a um mesmo processo nos sujeitos, que é o de buscar definir uma identidade ocupacional.

Bohoslavsky (2007), autor consagrado por sua colaboração na área da orientação, entende por Orientação Vocacional (OV)

os procedimentos dos psicólogos especializados, cujos clientes são as pessoas que enfrentam, em determinado momento de sua vida – em geral, a passagem de um ciclo educativo a outro – a possibilidade e a necessidade de tomar decisões. Isto faz da escolha um momento crítico de mudança na vida dos indivíduos. De como as pessoas enfrentam e elaboram essa mudança dependerá o desenvolvimento posterior, a situar-se em algum ponto do *continuum* que vai da saúde à doença (como quer que elas sejam concebidas). (p. 2).

Por sua vez, Bock e Aguiar (2011, p. 16) compreendem a Orientação Profissional (OP) como

algo mais do que um momento para a “descoberta” da profissão a seguir. É um processo em que emergem conflitos, estereótipos e preconceitos que devem ser trabalhados para sua superação; a desinformação é enfrentada e possíveis caminhos são traçados; o autoconhecimento adquire o *status* de algo que se constrói na relação com o outro, e não como algo que se dá a partir de uma reflexão isolada, descolada da realidade social, ou que se conquista por meio de um esforço pessoal.

Assim, percebemos que a OP é muito mais do que eleger uma profissão, é um processo que ocorre num momento em que a pessoa precisa tomar alguma decisão e que, no caso do jovem, deve levar em consideração as transformações, conflitos e crises que precisam ser enfrentados e superados, porque a maneira como a mudança será elaborada, irá resgatar a autoconfiança, coragem e autorresponsabilidade do sujeito, o que repercutirá no seu desenvolvimento futuro.

Durante toda sua trajetória existencial, o indivíduo precisa fazer escolhas, desde as mais simples às mais complexas, mas quando se vê diante de algo que irá definir o seu futuro, pode encontrar mais dificuldades. É o que pode acontecer com o adolescente, no que diz respeito à esfera profissional. O jovem busca o auxílio do Orientador Profissional ou Vocacional, que será um facilitador do desenvolvimento pessoal do orientando, ajudando-o a conciliar seus desejos com a sua satisfação profissional, mas levando em conta a história do sujeito, sua condição socioeconômica, bem como a realidade do mundo do trabalho. É importante para o profissional saber quem é este adolescente, como ele está escolhendo, o que o influencia, seus interesses, para que possa auxiliá-lo.

Para isso efetivamente acontecer é necessário, conforme aponta Silva (2011), que aquele que será orientado passe por uma entrevista inicial, em que o profissional de OP investigará a razão de ele ter procurado o atendimento, a fim de se estabelecer um diagnóstico. Este diagnóstico possibilitará ao profissional avaliar como a pessoa está e quais as suas necessidades no momento atual, e assim averiguar a sua orientabilidade – que “é a existência de condições para que o sujeito possa participar de um atendimento em Orientação Profissional” (SILVA, 2011, p. 158) – e estabelecer a estratégia do trabalho.

É necessário realizar todo esse processo, a fim de observar se há orientabilidade ou não, pois, muitas vezes, os indivíduos que buscam o serviço de OP, na verdade, estão necessitando de atendimento psicoterápico. Silva (2011) explica que as pessoas

com um comprometimento de fundo psicológico, não necessariamente ligado a questões de identidade vocacional, entram em contato com esses comprometimentos por meio de dificuldade na escolha da carreira ou no trabalho. A busca de auxílio por intermédio da Orientação Profissional, nesses casos, justifica-se por tal tipo de atendimento socialmente estar ligado à “saúde”, e não à “doença”, pois esta abordagem tem uma proposta profilática, atuando em um nível preventivo, não estando ligada a um estigma de “trabalhar com loucos”. Uma das principais formas de constatar a necessidade de um atendimento psicoterápico, e não de Orientação Profissional, é que a pessoa indicada à psicoterapia não se mantém no tema de escolha de carreira ou de profissão. (SILVA, 2011, p. 161).

A escolha profissional é, portanto, uma decisão difícil para algumas pessoas, uma vez que a opção por um curso ou por um trabalho implica, segundo Filomeno (2003), a escolha de um estilo de vida, uma rotina, um modo de viver, o ambiente do qual fará parte, o local de trabalho, as pessoas com as quais relacionará, ou seja, é escolher o que quer ser e o que fazer da própria vida. E nesse sentido a OP pode contribuir significativamente.

De acordo com Bohoslavsky (2007), durante esse processo de escolha, os adolescentes passam por quatro situações sucessivas, que ele denomina de *predilemática*, *dilemática*, *problemática* e de *resolução*.

Na situação *predilemática*, o indivíduo ainda não percebeu que deve escolher e não fala sobre isso, nem sobre carreiras ou profissões. Vai à entrevista e “não entende o que se fala sobre isso, nem sobre carreiras ou profissões. Vai à entrevista e “não entende o que se espera dele, qual é a dificuldade que ‘os outros’ supõem que ele tem” (BOHOSLAVSKY, 2007, p. 84). Demonstra imaturidade e pode ser encaminhado para a psicoterapia. Porém, se durante a primeira entrevista, o psicólogo perceber que o jovem quer e pode ir além, instiga-o para estimulá-lo a passar para a etapa seguinte, a situação *dilemática*. Nesta situação inicial o

indivíduo apresenta confusão e dependência. Costuma dizer que concordaria ser submetido a testes, com o intuito de agradar aos familiares e não de tirar algum proveito para ele mesmo.

A segunda situação é a *dilemática* e “caracteriza-se pela presença de afetos confusos numa pessoa que se dá conta de que enfrenta uma dúvida, uma dificuldade num momento de mudança” (BOHOSLAVSKY, 2007, p. 84). Um jovem nessa condição apresenta muita ansiedade e começa a perceber que algo importante está acontecendo. Há conflitos ambíguos e ambivalentes. Quando há uma negação da situação *dilemática*, o sujeito demonstra estar ainda na situação *predilemática*.

Quando o adolescente se encontra na situação *problemática*, ele parece estar preocupado e apresenta uma ansiedade moderada, que pode ser persecutória ou depressiva, no entanto costuma oscilar entre os dois tipos. “Os conflitos são bivalentes, há mais discriminação, menos confusão, mas não há, todavia, integração” (BOHOSLAVSKY, 2007, p. 47). Seus posicionamentos são dicotômicos: quer escolher uma profissão que o deixaria realizado, porém a outra é melhor financeiramente; determinada escolha agradaria aos pais, entretanto há outra que o agrada mais. Nessa situação o adolescente está apto a “usar sua capacidade para olhar, pensar e agir no que diz respeito a seu mundo futuro” (BOHOSLAVSKY, 2007, p. 85).

A situação de *resolução*, geralmente, é observada ao final do trabalho, quando o adolescente está completando o processo de escolha e, segundo Bohoslavsky (2007, p. 85), “seu comportamento exterior é de uma pessoa ‘cansada, mas contente’ quando o seu luto (...) foi elaborado”. Nesse momento pode ser que surjam algumas defesas como a regressão, que ocorre quando a escolha já está de certa forma definida, mas é abandonada temporariamente pelo sujeito, deixando-o com a sensação de desamparo. Para o autor, é nesse momento que “o adolescente descobre sua solidão frente à escolha de seu futuro” (BOHOSLAVSKY, 2007, p. 48), percebe que é responsável pela sua vida e, conseqüentemente, pelas suas decisões, por isso tende a querer regressar a uma posição de dependência.

A categorização de Bohoslavsky (2007) em quatro situações, que são vivenciadas pelos jovens no momento da escolha profissional, auxilia o orientador a observar se o trabalho é possível de ser realizado ou não. Se a possibilidade se confirma, as situações subsequentes permitem que ele analise quais são as ansiedades, defesas, condutas e conflitos do orientando, e desenvolva um trabalho que leve o jovem à situação de *resolução*.

Para atingir o objetivo de chegar à situação de *resolução*, Bohoslavsky (2007) utiliza a estratégia clínica que é caracterizada por entrevistas e informações. Já para Bock et al. (2001) o trabalho de OP é dividido em três grandes questões: a primeira é o significado da escolha,

seguida do significado profissional na vida do sujeito; a segunda é o tema trabalho, e a terceira é a informação profissional e o autoconhecimento. No meu modo de trabalhar, o processo de OP é constituído de três momentos: autoconhecimento, informações e o fechamento.

O autoconhecimento leva em consideração alguns fatores que interferem na escolha, como a relação com os familiares e amigos, o mercado de trabalho, a importância social e a remuneração das profissões, o emprego atual, as expectativas, as aptidões necessárias para exercer alguns trabalhos, os cursos que estão na moda, possíveis talentos, preconceitos, questões de gênero, imagens distorcidas, interesses, questões socioeconômicas e culturais, etc. Além disso, essa etapa do processo de OP faz com que o indivíduo tome consciência de sua história de vida e características de sua personalidade.

As informações dizem respeito ao conhecimento das profissões, instituições de ensino, dos níveis de ensino, do mercado de trabalho. Nesse momento do processo, é importante o jovem entrevistar profissionais que estão atuando, fazer visitas a empresas e instituições de ensino e pesquisar sobre as profissões (como, por exemplo, através da leitura do Guia do Estudante publicado pela Editora Abril S/A).

A última etapa é a do fechamento, na qual o adolescente – ao ter uma melhor compreensão de si, do mercado de trabalho e das profissões – irá se reorganizar e traçar novos caminhos. Nesse momento, o indivíduo pode efetivamente escolher ou pelo menos ter mais clareza sobre o caminho a ser percorrido para realizar a sua escolha. No fechamento do trabalho, o sujeito percebe que as suas escolhas precisam estar de acordo com o seu projeto de vida.

Nas palavras de Bock e Aguiar (2011, p. 21),

A melhor escolha é aquela que o jovem realiza a partir de um mais amplo conhecimento de si, como ser histórico, determinado pela realidade social, e maior conhecimento das possibilidades profissionais oferecidas pela sua sociedade. Além disso, é importante trabalhar para que o jovem se compreenda como ser em movimento, que pode mudar seus interesses e suas possibilidades no decorrer de sua vida... A escolha é um ato de coragem do jovem, que decide, naquele momento, o que quer e o que está disposto a perder. É um momento importante da construção da sua individualidade.

A seguir, apresentamos alguns conceitos da Análise Transacional, que serão utilizados nos diálogos com a Orientação Profissional, em nossa proposta de realização desse tipo de atendimento na perspectiva da referida teoria.

Análise Transacional: alguns conceitos pertinentes no processo de Orientação Profissional

Para Eric Berne (1985), criador da Análise Transacional (AT), esta é uma teoria consistente da personalidade e da dinâmica social, que é de fácil compreensão tanto para o cliente quanto para o terapeuta. Segundo Steiner (1998), a AT é uma técnica que tem como foco os relacionamentos interpessoais e o modo pelo qual os sujeitos podem vir a transformar os seus comportamentos ao melhorar as suas ações.

De acordo com Schlegel (1997/1998, p. 39), a Análise Transacional é

um método psicoterapêutico caracterizado por uma combinação criativa da psicoterapia de orientação psicodinâmica e cognitiva enriquecida por aspectos da terapia da comunicação (ou seja, ensinar as pessoas a se comunicarem construtivamente, sem distorções e sem Jogos Psicológicos) e de processos de terapia gestáltica. Além disso, na Análise Transacional a promoção do insight e a estimulação da mudança comportamental são combinadas sem contradições. E mais, a Análise Transacional enfatiza a importância dos Contratos Terapêuticos e das decisões conscientes, tomadas no contexto do processo terapêutico, que dizem respeito à responsabilidade do paciente consigo mesmo.

Alguns conceitos que fazem parte desta teoria são utilizados no processo de OP, como a Análise Estrutural, que visa identificar e examinar os Estados do Ego (BERNE, 1985).

Um conceito fundamental da AT é o de que a nossa personalidade é formada por três Estados do Ego (EE) – Pai (P), Adulto (A) e Criança (C) – que funcionam integrados em um conjunto que, de acordo com Berne (1985, p. 17),

pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou, ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos afins.

O Estado de Ego Pai, segundo Berne (1988, p.25), consiste em sentimentos, pensamentos e comportamentos reproduzidos das figuras parentais, de autoridade e importância na infância. O comportamento das pessoas é influenciado pelo Estado de Ego Pai “na forma de ‘influência parental’ desempenhando as funções de uma consciência”.

Já o Estado de Ego Adulto é a parte da nossa personalidade mais racional, que busca analisar objetivamente as situações, com base nos dados de realidade e por meio do cálculo das probabilidades e possibilidades das experiências do passado (BERNE, 1988).

Berne (1988) afirma, ainda, que todos temos uma criança dentro de nós. E quando estamos no Estado de Ego Criança, temos sentimentos, pensamentos e comportamentos

semelhantes àqueles de quando éramos crianças. Para este teórico, esse é o componente mais importante da personalidade.

Além da Análise Estrutural, pode-se fazer a análise das funções dos Estados do Ego, que podem funcionar no circuito positivo ou negativo. De acordo com Kértész (1987), o Estado de Ego Pai pode ser subdividido em Pai Crítico – PC (no circuito positivo é firme, dá ordem, tem controle, fixa limites adequados e no negativo é preconceituoso, insulta as pessoas, autoritário, desvaloriza os outros) e Pai Protetor – PP (quando positivo é aquele que apoia, protege, é compreensivo, consola, educa, dá permissão ao outro para viver e desfrutar, e no circuito negativo é superprotetor, salvador, faz muito pelo outro).

O Estado de Ego Adulto “não se subdivide funcionalmente, porque seus sinais de conduta são sempre os mesmos” (KÉRTÉSZ, 1987, p. 45); este Estado do Ego planeja, busca dados de realidade, analisa-os e decide da maneira mais assertiva.

O conceito de Estado de Ego Criança, conforme Kértész (1987), é visto sob três aspectos para melhor compreensão: Criança Livre – CL – é aquela que não sofreu modificações pela educação, é espontânea, suas emoções são autênticas; Criança Adaptada – CA – que é formada pela Criança Submissa – CS – obediente e disciplinada –, e Criança Rebelde – CR – que é opositora, competitiva, provocadora, desafiante.

A partir dos Estados do Ego (EE) pode-se trabalhar na AT com os Egogramas que, na explicação de Dusay (2010, p. 24),

representam a intensidade e a frequência dos estímulos emanados de um Estado de Ego e fornecem símbolos visuais dos Estados de Ego predominantes. Qualquer “déficit” e/ou quaisquer quantidades excessivas são facilmente demonstradas de forma visual, e pode ser discutida de um modo Adulto.

Quando um Estado do Ego está com mais Energia Psíquica – Catexia, a dos outros EE decresce, porque a Catexia permanece constante em cada pessoa. Assim, o Egograma auxilia os terapeutas durante o tratamento de seus clientes e pode ser representado da seguinte maneira:

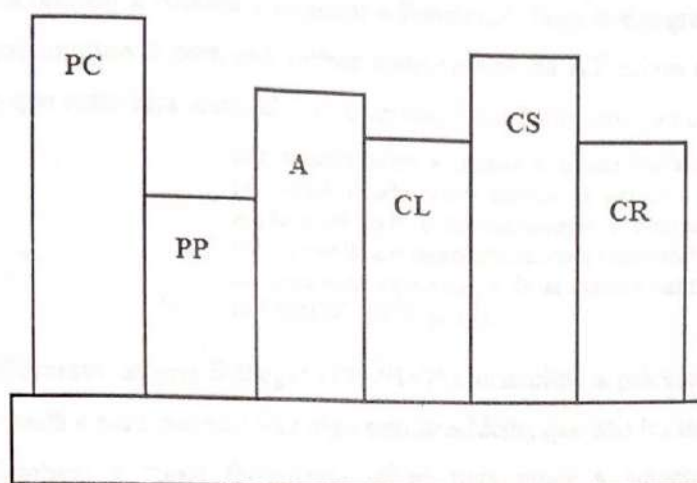


Figura 1 – Egograma - Modelo de Dusay
 Fonte: DUSAY (2010, p. 23)

Neste cenário, é possível observar a presença de Contaminações, que, de acordo com James (1986), resulta da intrusão de aspectos parentais e/ou das ilusões da Criança, quando as fronteiras do Estado do Ego Adulto do sujeito não são fortes, mas altamente permeáveis. A Contaminação é bastante comum e impede que o Adulto tenha autonomia para tomar decisões. Algumas Contaminações se manifestam na forma de preconceitos, outras, em exageros de sentimentos da Criança (submissão ou rebeldia às autoridades). Para Berne (1985, p. 44), a contaminação “assume a configuração de certos tipos de lesão, por um lado, e de ilusões, por outro”, e pode ser simples (do Estado de Ego Adulto pelo Estado de Ego Pai – preconceito – ou do Estado de Ego Adulto pelo Estado de Ego Criança – ilusão) ou dupla.

Krausz (1999, p. 35) esclarece que “cada Estado de Ego constitui um subsistema do sistema personalidade e cada subsistema tem a capacidade de interagir com os outros. Essa interação é conhecida como Diálogo Interno e o seu fluxo se altera de acordo com o circuito positivo ou negativo”.

No circuito negativo, o Estado de Ego Adulto está sem Catexia, assim os Diálogos Internos são entre Estado de Ego Pai e Criança. Já no circuito positivo, há Catexia nos três Estados de Ego e, para atingir uma personalidade integrada e coesa, é necessário que haja “consenso entre os valores e julgamentos do Estado de Ego Pai, as necessidades da Criança e o senso de realidade do Estado de Ego Adulto” (KRAUSZ, 1999, p. 36).

Para realizar a Análise Estrutural e Funcional, fazer o Egograma do sujeito, observar os Diálogos Internos e para que outros instrumentos da AT sejam colocados em prática, é necessário que antes seja realizado um Contrato Terapêutico com o cliente, que constitui

um acordo entre a pessoa e o seu ou sua terapeuta, que deposita responsabilidade sobre ambas as partes envolvidas. O cliente pede ajuda e dá todo o consentimento e cooperação para o processo de psicoterapia, e o terapeuta aceita a responsabilidade de ajudar a efetuar as mudanças desejadas, e de se manter dentro dos limites do contrato. (STEINER, 1976, p. 18).

O Contrato, afirma Schlegel (1997/1998), disciplina a psicoterapia para que essa seja compromissada e para que não vire algo sem finalidade, que não irá transformar as atitudes do cliente. Também é “uma ferramenta eficaz para atrair a atenção do cliente para sua resistência” (SCHLEGEL, 1997/1998, p. 63).

Outro conceito importante na Análise Transacional é o *Script*, “um programa continuado, desenvolvido no início da infância sob influência Parental, que dirige o comportamento do indivíduo nos aspectos mais importantes da sua vida” (BERNE, 1988, p. 332). Há três tipos de *Scripts*: Vencedores – são aqueles que se propõem a fazer alguma coisa e atingem o objetivo, cumprindo o contrato com eles mesmos e com o mundo; Não Vencedores – são aqueles que se propõem algo, pode até conseguir conquistar alguma coisa, mas não o que realmente queriam, e Perdedores – tentam fazer, mas não conseguem atingir os objetivos.

A partir dessa breve abordagem dos conceitos de Estados do Ego, Egograma, Contaminação, Diálogo Interno, Contrato e *Script*, apresentamos uma interlocução entre a abordagem teórica da Análise Transacional e a Orientação Profissional.

Orientação Profissional e Análise Transacional: alguns diálogos

Por meio do meu exercício profissional e da participação em um grupo de estudos com outras psicólogas que utilizam a Análise Transacional (AT) como abordagem teórica no trabalho de Orientação Profissional (OP) de adolescentes, constatei a possibilidade de realizar uma interlocução entre ambas as práticas.

Um desses diálogos está relacionado ao Contrato, porém, antes de ele ocorrer é preciso averiguar se há orientabilidade e levantar as expectativas do sujeito em relação ao trabalho de OP. Observado isso, faz-se o Contrato, que é o acordo entre cliente e terapeuta sobre o modo como será realizado o trabalho, de forma que ambos sejam responsáveis por este. Assim,

aquele que necessita do auxílio do orientador consente e coopera com o processo e o psicólogo se compromete a ajudar e a manter os limites do Contrato (STEINER, 1976). É imprescindível delimitar o Contrato na Orientação Profissional, para que o adolescente e os seus pais saibam como funciona e quais são os objetivos do trabalho, clarificando o que está dentro do alcance do processo de OP, a fim de saber se querem ou não passar pelo processo e também para que este não seja confundido com psicoterapia. Para tanto é importante lembrar que no trabalho de OP é o cliente quem escolhe, sendo que algumas pessoas, ao fim do processo, optam por uma profissão, mas outras apenas têm mais clareza sobre o que esperam de uma ocupação ou de um curso. É fundamental explicar ao indivíduo que ele não vai obter uma resposta do psicólogo, uma vez que o papel do orientador é de auxiliá-lo e atuar como um facilitador do seu desenvolvimento pessoal, em um trabalho composto de três etapas: autoconhecimento, informações e fechamento. Além desses esclarecimentos, também deve ficar combinado entre as partes que o processo é realizado entre dez e doze sessões, e cada uma delas tem duração de uma hora no atendimento individual e de uma hora e meia a duas horas no grupo. Por fim, ajusta-se o valor a ser pago pelo trabalho e o dia do pagamento (SOARES; KRAWULSKI, 2002).

Realizadas essas etapas, passa-se à abordagem dos Estados do Ego. Na etapa de autoconhecimento, explicam-se os Estados de Ego para o cliente, já que a escolha assertiva passa pelo Pai, Adulto e Criança. Também é necessário falar sobre as funções dos Estados do Ego, explicar os conceitos de Pai Crítico, Pai Protetor, Adulto, Criança Livre e Criança Adaptada, e expor os diferentes modos de vivenciar cada um deles, tanto no circuito positivo quanto no negativo. Após o cliente entender a maneira como é constituída a nossa personalidade e o nosso jeito de ser, buscamos visualizar, por meio de um Egograma, como distribuir melhor a energia entre os Estados de Ego. O Egograma pode ajudar o orientador e o cliente a perceberem como estão sendo realizadas as escolhas, quais seriam as melhores opções e como o cliente está vivenciando a escolha profissional.

É possível observar durante esse processo se há Contaminação do Estado de Ego Adulto pelo Pai – que pode ser notada quando existe preconceito, e este é visto como um conhecimento objetivo da realidade, uma verdade absoluta – ou pela Criança – que é observada quando há ilusão e estas são confundidas com a realidade – ou por ambos – ocorre quando o Adulto tem como fonte de informações os preconceitos do Estado de Ego Pai e as ilusões do Estado de Ego Criança, de modo que, apesar de tentar racionalizar, as conclusões e decisões não serão coerentes com a realidade (BERNE, 1985). Se existir Contaminação, é imprescindível realizar um trabalho de descontaminação a partir do empoderamento do

Estado de Ego Adulto, porque, muitas vezes, os adolescentes têm crenças de que uma profissão é mais importante do que outra, ou uma determinada profissão só tem coisas boas. Assim, é fundamental mostrar para esses jovens que as profissões estão interligadas, que são interdependentes, que sem o lixeiro e o gari – profissões desvalorizadas na nossa sociedade –, por exemplo, as ruas ficariam sujas e teríamos mais pessoas doentes devido às péssimas condições de higiene, o que sobrecarregaria ainda mais os médicos e enfermeiros.

Também é importante notar como está a interação entre os Estados de Ego, se os Diálogos Internos estão de acordo com o circuito negativo ou positivo, ou seja, se o Adulto está ou não com Catexia, e se a personalidade está integrada, havendo um consenso entre os três Estados do Ego, porque as escolhas precisam passar por todos eles, de modo que o Adulto irá buscar os dados de realidade, o que convém para a pessoa, mas precisa atender os valores do Pai e as necessidades da Criança.

Outra etapa do processo de OP são as informações, momento em que o adolescente irá adquirir mais conhecimentos sobre as profissões, porque serão estimulados a pesquisar sobre aquelas que lhe despertam interesse. Para que isso ocorra é importante que o jovem leia publicações que falem sobre o mercado de trabalho, visite as coordenações dos cursos de interesse, entreviste profissionais dessas áreas que estão inseridos no mercado de trabalho, a fim de saber como realmente é o trabalho naquele campo de atuação, como é a rotina, quais as atividades desenvolvidas, etc. Essas ações ajudarão a levar a pessoa para o seu Estado de Ego Adulto e a descontaminá-lo, porque neste momento ela terá vários dados sobre a realidade do mundo profissional.

Assim, a partir do autoconhecimento e das informações, o adolescente irá empoderar o seu Estado de Ego Adulto, e poderá avaliar o seu processo e fazer a sua escolha com autonomia, ou seja, analisando o momento, as suas influências, o mercado de trabalho, os seus desejos, o que irá satisfazê-lo profissionalmente, aquilo que considera o melhor para si e se responsabilizando por suas ações e sentimentos.

Depois de passar pelas etapas de autoconhecimento e informação, o indivíduo se encaminha para a fase de fechamento, na qual ele já reconhece os Estados do Ego, tem conhecimento sobre si, tem um Adulto com mais Energia Psíquica, tem uma melhor compreensão do mercado de trabalho e percebe que as suas escolhas precisam ser coerentes com o seu projeto de vida. Neste momento a pessoa se encontra na fase de *resolução*, está terminando o seu processo de escolha e elaborando perdas, porque é necessário escolher uma profissão em detrimento de outra. Na etapa de fechamento, a pessoa pode vir a realizar a sua escolha, pode ter clareza do que deseja de uma profissão, mas não se sentir totalmente segura

para decidir naquele instante. Também pode haver uma regressão, que ocorre quando a escolha já está de certa forma definida, mas é abandonada temporariamente pelo sujeito, deixando-o com a sensação de desamparo. Como afirma Bohoslavsky (2007, p. 48), nesse momento “o adolescente descobre sua solidão frente à escolha de seu futuro”, percebendo que é responsável pela sua vida e, conseqüentemente, pelas suas decisões; por isso, tende a querer regressar a uma posição de dependência. Quando o indivíduo regride, é importante confrontá-lo, entender o porquê dessa regressão, quais são os seus medos de tomar uma decisão autônoma. É preciso, então, Catexizar o seu Estado de Ego Adulto e mostrar a ele todo o caminho percorrido, e que chegou àquela escolha através do conhecimento de si mesmo e das profissões, e que, se mais tarde perceber que não é isso que realmente quer, pode recomeçar e escolher outro curso ou buscar emprego em outra área.

No processo de OP, o *Script* está presente, porque desde o nascimento a pessoa carrega consigo várias expectativas de seus familiares, que deverá (ou não) cumprir durante a sua existência. “Os pais depositam seus sonhos nos projetos que fazem para o futuro do filho e este se desenvolve dentro desse contexto, muitas vezes ouvindo que deve seguir a profissão do pai e/ou do avô, ou ouvindo que determinada profissão não é apropriada para o seu sexo” (ALMEIDA; PINHO, 2008, p. 174). Daí o fato de o adolescente, muitas vezes, se sentir inclinado a atender às expectativas da família. Almeida e Pinho (2008, p. 174), comentando Krom (2000), concluem que

os períodos transacionais, como a adolescência e o momento de escolha profissional, são importantes, pois facilitam a passagem dos conteúdos intergeracionais, principalmente aqueles determinados pelas lealdades familiares. A escolha das profissões e ocupações na família, muitas vezes, obedece a essas lealdades.

No processo de OP, o *Script* não é trabalhado num nível muito profundo, por se tratar de um atendimento psicológico mais rápido e não ter como foco a cura. O que é realizado ao final da etapa de autoconhecimento é a utilização de uma técnica chamada “Cartaz do *Script*”, desenvolvida por Márcia Beatriz Bertuol e Jane Maria Pancinha Costa, na qual será dada a instrução para o jovem montar um cartaz da forma como ele quiser. Quando encerrar a confecção do cartaz, pergunta-se à pessoa o que ela acha dele, o que significam os elementos que colocou ali. Depois o orientador dobra-o em nove partes, analisando, de acordo com Bertuol (2011), da seguinte maneira:

P1		Futuro idealizado	Representações dos esquemas self-outros
A1		Imagem do Self	Estratégias de sobrevivência
C1	Passado mais regressivo	Futuro emocionalmente temido	Representações mais arcaicas
	Passado	Presente	Futuro

Figura 2 – Cartaz do Script - Modelo de Bertuol e Costa
 Fonte: BERTUOL (2011, p. 148)

Ao examinar o cartaz, o orientador precisa observar se o indivíduo colocou algo que revela algum indício sobre a profissão na parte da representação pessoal – Imagem do Self –, porque nesta parte tende-se a representar aspectos particulares. É preciso, então, indagar o sujeito para saber o que há ali com que ele se identifica. Desse modo, podemos observar se o adolescente colocou algo representativo da profissão e o que espera do futuro.

Considerações finais

A Orientação Profissional é um processo pelo qual se aprende a optar, porque é um trabalho em que o indivíduo precisa fazer uma escolha em detrimento de outra. É também um momento de crescimento e autoconhecimento, de elucidar aquilo que interfere ao se eleger uma profissão. No presente artigo, foi possível esclarecer como é possível a prática de OP, tendo como referencial teórico a Análise Transacional e utilizando para isso os conceitos de Contrato, Estados de Ego, Egograma, Contaminações, Diálogo Interno, Contrato e *Script*.

Assim, ao estabelecer o Contrato, delimitamos o âmbito do atendimento e esclarecemos os objetivos do processo de OP, assumindo, juntamente com o cliente, a responsabilidade pelo desenvolvimento do trabalho. Propomos um trabalho em três etapas, sendo a primeira a de autoconhecimento. Nesta fase, o conceito de Estados de Ego e o esclarecimento do seu modo de funcionamento permitem ao orientando um maior conhecimento de si e de sua personalidade. A partir disto podemos verificar, por meio de um

Egograma, como distribuir melhor a energia entre os Estados de Ego e se há Contaminações, a fim de possibilitar escolhas mais assertivas. Ainda nesta etapa, o profissional pode utilizar instrumentos referentes ao Diálogo Interno e ao *Script*, o que amplia o autoconhecimento do orientando.

O segundo momento do trabalho é o de informações, no qual os conceitos acima referidos serão utilizados para o empoderamento do Estado de Ego Adulto, que, ao obter as informações, estará mais apto a perceber o processo no qual está inserido e ser mais assertivo. Assim, chegamos à última etapa, que é a de fechamento, na qual a pessoa com maior conhecimento de si, um Adulto com mais Catexia, mais informações sobre profissões e mercado de trabalho, percebe que suas escolhas precisam estar coerentes com o seu projeto de vida, chegando à resolução, que não significa necessariamente uma escolha definitiva.

Neste artigo procuramos demonstrar que a AT e seus conceitos podem embasar e potencializar a prática da OP. Esta é uma temática que merece ser estudada, haja vista a ausência publicações nesse sentido nas referências bibliográficas da Análise Transacional. Os profissionais da AT, que também trabalham com Orientação Profissional, poderiam dar uma importante contribuição ao tema relatando suas experiências.

Referências

- ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na Orientação Profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v.20, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n2/a13v20n2.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- BERNE, E. **Análise Transacional em psicoterapia**. Tradução: Lúcia Helena Cavasin Zabotto. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. **O que você diz depois de dizer olá?** Tradução: Rosa R. Krausz. São Paulo: Nobel, 1988.
- _____. **Os jogos da vida: Análise Transacional e o relacionamento entre as pessoas**. Tradução: E. Artens. São Paulo: Nobel, 1977.
- BERTUOL, M. B. Imagens do Ego e Protocolo do Script – a comunicação no início da vida. In: UNAT BRASIL. **Revista Brasileira de Análise Transacional**. Porto Alegre: Suliani, 2011. p. 134-160.
- BOCK, A. M. B.; AGUIAR, W. M. J. Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional. In: BOCK, A. M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 9-22.
- BOCK, A. M. B. et al. A Orientação Profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. et al. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 163-178.
- BOHOSLAVSKY, R.; **Orientação Vocacional: a estratégia clínica**. Tradução: José Maria Valeije Bojart. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- CARVALHO, M. M. J. **Orientação Profissional em grupo: teoria e técnica**. Campinas, SP: Psy, 1995.
- DUSAY, J. M.. Os Egogramas e a “Hipótese de Constância”. In: UNAT-Brasil. **Prêmios Eric Berne 1971-1997**. 4. ed. Porto Alegre: Suliani, 2010. p. 22-28.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FERREIRA, M.; NELAS, P. B. Adolescências... Adolescentes... **Millenium**, v. 32, p. 141-162, 2006. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium32/11.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- FILOMENO, K. **Mitos familiares e escolha profissional: uma proposta de intervenção focada na escolha profissional à luz de conceitos da Teoria Sistêmica**. 2003. 138f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.
- JAMES, M. **Diagnose e tratamento de problemas de fronteiras dos Estados do EU**. TAJ 16, n. 3, jul. 1986.
- KÉRTÉSZ, R. **Análise Transacional ao vivo**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Summus, 1987.
- KRAUSZ, R. R. **Trabalhabilidade**. São Paulo: Nobel, 1999.
- SCHLEGEL, L. O que é Análise Transacional. **REBAT**, ano VII, n. 1, p. 39-73, jun. 1997/1998.
- SILVA, F. F. O atendimento em Orientação Profissional numa instituição pública – modelos e reflexões. In: BOCK, A. M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 157-170.

SOARES, D. H. P.; KRAWULSKI, E. Modalidades de trabalho e utilização de técnicas em Orientação Profissional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. (Org.). **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 291-305.

SOUZA, E. L. P. **Análise Transacional na supervisão escolar**: um estudo exploratório. Porto Alegre: Ed. Porto Alegre, 1975.

STEINER, C. **Educação emocional**: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. Tradução: Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

_____. **Os papéis que vivemos na vida**: a análise transacional de nossas interpretações cotidianas. São Paulo: Artenova, 1976.

SUPER, D. E.; BOHN JUNIOR, M. J. **Psicologia ocupacional**. São Paulo: Atlas, 1976.